

Enviado em 15/05/2007 - Aceito em 20/06/2007

O ENSINO COMO INSTÂNCIA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO ÂMBITO DAS CIÊNCIAS DO LÉXICO

Márcia Sipavicius Seide¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo evidenciar que didatizar pesquisa recente desenvolvida por pesquisadores brasileiros é uma forma de associar pesquisa e ensino e que as atividades de ensino também resultam na produção de conhecimento. Feitas algumas considerações gerais sobre o sistema de produção e divulgação do saber universitário no Brasil, e, particularmente, no âmbito das Ciências do Léxico, são descritas e contextualizadas (de um lado, no projeto de pesquisa de que fazem parte e, de outro, na disciplina de graduação na qual os conteúdos são ensinados) atividades inerentes à didatização (avaliação crítica das obras teóricas escolhidas, complementação e aprofundamento das análises propostas e elaboração de atividades práticas) de modo a mostrar que estas atividades também são responsáveis pela produção do conhecimento, a despeito de elas não serem tão valorizadas quanto as atividades ditas de pesquisa.

Palavras-chave: ciências do léxico, lexicologia, neologismo, pesquisa, ensino.

ABSTRACT: This paper aims to evidence that recent research didatization is a way to associate research and teaching and to show that teaching activities also result in knowledge production. Done some general considerations about the system of academic knowledge production and divulgation in Brazil and, in particular, on the field of the Lexicon Sciences, activities inherent to didatization (critical review of chosen theoretical works, complementation and deepen of the analysis proposed and creation of practical activities) are described and put into context (by one hand, into the research project they are part of and by the other, into the graduation course these contents are studied) showing that such activities are also responsible for academic knowledge, despite not being as valorized as the so called research activities.

Keywords: lexicon sciences, lexicology, neologism, research, teaching.

¹ Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Letras, Letras Espanhol, mestrado em Filologia e Língua Portuguesa e doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon.

INTRODUÇÃO

Muito já foi dito sobre a indissociabilidade entre pesquisa e ensino, mas o que se pode entender da afirmação de que pesquisa e ensino não são indissociáveis? Do ponto de vista do professor universitário, significa que o docente que leciona determinada disciplina na graduação deve, idealmente, ser um pesquisador ativo de modo a manter-se atualizado na disciplina e contribuir para a evolução científica em sua área de especialidade. Quando se trata de um professor da pós-graduação, a relação é óbvia, já que o objetivo do ensino é a formação de pesquisadores. Do ponto de vista do aluno da graduação, pode-se pensar na importância de ele desenvolver alguma pesquisa nas disciplinas de seu curso, quer se trate de licenciatura ou de bacharelado.

Nenhuma destas acepções, contudo, parte do ponto de vista da própria grade curricular ou considera a sala de aula como lugar privilegiado de divulgação científica. O projeto de pesquisa cujos resultados iniciais, contextualização e fundamentação teórica são apresentados ao longo do artigo tem por escopo promover uma efetiva associação entre as instâncias de ensino e pesquisa evidenciando que as atividades didáticas são, tanto quanto as de pesquisa, atividades produtoras de conhecimento. A seguir, são feitas considerações sobre a divulgação, a produção e o consumo do saber universitário no Brasil e nas Ciências do Léxico a fim de melhor contextualizar a pesquisa já desenvolvida.

PRODUÇÃO, DIVULGAÇÃO E CONSUMO DO SABER UNIVERSITÁRIO NO BRASIL

Segundo Antônio Candido (2000:170), quando se trata de caracterizar uma literatura como nacional, é preciso verificar se, no país em questão, há pessoas dedicadas a escreverem contos, romances ou poemas que retratem o ponto de vista nacional, se estas obras são publicadas e, também, se são lidas. Havendo a criação, a publicação e a leitura de textos literários, conclui-se que tal país apresenta um sistema autônomo de literatura, o que passou a ocorrer no Brasil, a partir da Independência¹. Segundo esta

¹ "(...) a literatura brasileira adquire consistência da sua realidade (...) depois da independência (...). Com efeito, pouco havia nas débeis letras de então que permitisse falar em literatura autônoma – seja pelas características das obras, seja pelo número reduzido de autores, seja, principalmente, pela falta de articulação palpável de obras, autores e leitores num sistema coerente. Não havia tradição orgânica própria, nem densidade espiritual do meio". (op.cit)

concepção “o consumo” é tão importante quanto “a produção”, haja vista que “a criação é eminentemente relação entre grupos criadores e grupos receptores de vários tipos” e a literatura é definida como “um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decidindo-a, aceitando-a, deformando-a.” (CANDIDO, 2000: 74).

Transpondo estes conceitos para a ciência, pode-se afirmar que há ciência brasileira à medida que o conhecimento produzido for publicado, lido e discutido nacionalmente. Considerando que o pesquisador faz parte, ao mesmo tempo, do grupo de criadores e do grupo de receptores assistir a uma comunicação oral não é menos importante que apresentar uma, do mesmo modo, atualizar-se lendo textos produzidos por pesquisadores brasileiros tem tanto valor quanto escrever artigos divulgando a pesquisa por ele mesmo empreendida.

Lamentavelmente, há uma distorção no meio acadêmico brasileiro, perceptível, por exemplo, na estruturação do currículo Lattes e nos mecanismos de financiamento das universidades, que resulta na dissociação entre o falar e o ouvir, o escrever e o ler: um pesquisador é avaliado pelo que fala e escreve e não pelo que ouve ou lê. Há, então, o seguinte paradoxo: se ninguém lê ou ouve para quê falar e ouvir?

E com relação ao grupo receptor? Como ele tem sido fomentado? Em que medida, a produção científica brasileira está presente na sala de aula? Sabe-se que as obras selecionadas pelo professor, em geral, ou são produzidas alhures em países de produção científica mais rigorosa ou trata-se de divulgação científica da produção estrangeira promovida por pesquisadores brasileiros de muito prestígio e renome ficando marginalizados os demais pesquisadores com inclusão das teses e dos mestrados produzidos pelas IES e dos artigos acadêmicos produzidos e publicados sem interrupção em todas as regiões do país em periódicos e anais de evento.

Este desequilíbrio entre produção e consumo enfraquece todo o sistema e também se verifica em outros contextos, como o meio musical assim descrito por Luiz Tatit - músico e professor de Linguística da Universidade de São Paulo - :

Hoje, cada um pode gravar o seu disco e colocá-lo na internet em busca de um ouvinte que nem chega a ouvi-lo por estar às voltas com suas próprias composições, que também serão lançadas na rede para que alguém as descubra e mostre aos outros. Esses outros geralmente estão ocupados, pois criam repertórios para uma nova investida mu-

Márcia Spavicius Seide

sical [...] A ampliação desmedida do universo dos criadores vem abalando a capacidade de absorção dos consumidores. O fã que comprava o CD do artista agora vem presenteá-lo com o seu próprio, gravado em excelentes condições técnicas e ainda valorizado por um bom suporte gráfico que torna sua capa e seu encarte bastante atraentes. Mas o artista, que já recebera algumas dezenas de outros CDs e DVDs de outros fãs, provavelmente não terá tempo de ouvi-los (ou vê-los) pois está enfurnado num estúdio preparando novo trabalho que deverá compensar a pouca divulgação e acolhida do anterior, cujo lançamento coincidiu com uma época em que os ouvintes cuidavam de seus próprios discos... (2006: J17)

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO NO ÂMBITO DAS CIÊNCIAS DO LÉXICO.

As Ciências do Léxico é uma área da Lingüística que engloba a Lexicologia (com inclusão da Onomástica e suas disciplinas, i.e, a Toponímia e a Antroponímia) a Lexicografia e a Terminologia fomentada, no Brasil, pelo diálogo constante entre pesquisadores das citadas especialidades, em grande parte oportunizado pelos seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo (GEL) e pelos encontros da Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística (ANPOLL) na qual, há muitos anos, o GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia reúne pesquisadores que lecionam em curso de pós-graduação e seus respectivos alunos.

A produção científica dos membros do GT é divulgada em livros, artigos (publicados em periódicos ou em anais) e comunicações orais em eventos científicos. Nestes, não é incomum a platéia ser formada pelos próprios membros do GT e/ou por quem é ou foi aluno dos primeiros. Quanto às publicações, é provável que sejam lidas pelos orientandos da pós-graduação bem como por alunos que fazem iniciação científica com os pesquisadores. A produção dos alunos é divulgada em comunicações orais, artigos, dissertações e teses, mas não se sabe se ou em que medida ela é utilizada pelos membros do GT ou por outros alunos de pós-graduação, o certo é que os membros do grupo costumam fazer parte da composição das bancas, o que garante certa divulgação da pesquisa discente dentro do grupo. Pela descrição acima, fica a impressão de que, grosso modo, a produção das Ciências do Léxico é restrita aos próprios membros do GT e ao nível da pós-graduação.

ARTIGO

Ainda assim, a comunidade científica criada cumpre seu papel enquanto segregação espiritual e formal cujas funções identifica-se àquelas descritas por Cândido para as comunidades literárias como a existente, após a Independência, em São Paulo, na Faculdade de Direito: criação de um “sistema de valores que enforme a sua produção e dê sentido à sua atividade”, de um público formado por membros “aptos a criar ressonância” e estabelecimento de “continuidade (uma transmissão e uma herança)”, que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo.”(2000: 140).

Por acreditar que incluir os resultados das pesquisas – tanto dos membros como dos alunos e ex-alunos destes pesquisadores – no conteúdo programático das disciplinas da graduação pode fortalecer o sistema produção-divulgação-consumo, decidi elaborar um projeto de pesquisa voltado ao ensino. Olhando-se o ensino do ponto de vista da pesquisa, percebi a necessidade de investir no processo de didatização das pesquisas que têm sido empreendidas da área, fomentado-se o interesse pelas Ciências do Léxico desde a graduação. Olhando-se a questão do ponto de vista do ensino, observei que a utilização de resultados de pesquisa tem efeito positivo na qualidade de ensino. Percebe-se, assim, que estas instâncias podem e devem fortalecer-se reciprocamente.

O PROJETO DE PESQUISA: MÉTODOS PARA O ENSINO DO NEOLOGISMO NO CURSO DE LETRAS

Do ponto de vista etimológico, método é uma palavra grega que significa seguir uma via ou caminho que é utilizada tanto para referir-se, de maneira geral, ao modo sistemático e ordenado de fazer ou levar a cabo alguma atividade quanto para designar, especificamente, o conjunto de exercícios, técnicas, regras e procedimentos usados para o ensino ou aprendizagem de algo.

Neste projeto, não se considera o método segundo esta visão reducionista que o entende apenas como técnica utilizada pelo professor em sua atuação em sala de aula, mas sim tal qual propõe Peres. Esse estudioso utiliza a palavra para se referir à complexidade da atuação docente (2004: 668) cuja análise e estudo pode ser feita com base em três grandes eixos: princípios e crenças subjacentes; conteúdos e procedimentos. O primeiro eixo inclui teorias relativas à natureza da linguagem, aos princípios psicológicos da aprendizagem, à pedagogia (princí-

Márcia Spavicius Seide

pios de ensino), à sociologia (estudo dos condicionantes contextuais, educativos, geográficos, políticos, etc.) e a princípios econômicos que englobam a gestão e o planejamento do ensino. O segundo eixo envolve questões relacionadas ao conteúdo e aos objetivos cuja seleção resulta das teorias, das crenças, dos princípios e dos valores adotados. O terceiro, por fim, comporta as atividades mediante as quais os conteúdos selecionados transformam-se em prática através da atuação do professor em sala de aula; neste eixo, estudam-se os procedimentos relativos às técnicas empregadas (tipologia, *design* e seqüenciação de atividades e os papéis do professor e do aluno por elas idealizadas), às práticas cujo objetivo é adequar o ensino às necessidades do aluno de modo a motivar os discentes com consideração do contexto pragmático e sociológico em que se dá o ensino e, também, o modo pelo qual as aulas são planejadas e geridas (idem: 669).

Como o próprio nome indica, o objetivo do projeto é a pesquisa de métodos para o ensino de neologismo no curso de Letras. Para alcançar este objetivo, é necessário investigar o assunto nos três eixos propostos por Peres: sob o viés teórico, sob o viés pedagógico e sob o viés prático ou técnico, sem perder de vista que se trata de ensino no nível superior no qual se supõe a indissociabilidade entre pesquisa e ensino. Dada a especificidade do ensino superior, no primeiro eixo, foram investigadas as pesquisas feitas no Brasil sobre o neologismo; no segundo, houve seleção dos conteúdos a serem didatizados e, no terceiro, a elaboração de atividades pedagógicas, sendo que as etapas de testagem e avaliação dos procedimentos criados serão desenvolvidas ao longo do ano letivo de 2007. Cumpre esclarecer que estas últimas etapas estão fundamentadas na pesquisa-ação, cuja principal característica está na adoção dos seguintes procedimentos "análise, coleta de dados, e conceituação dos problemas; planejamento da ação, execução e nova coleta de dados para avaliá-la; repetição desse ciclo de atividades" (ANDRE, 2003: 31). Feita a escolha das obras e sua didatização, elas serão utilizadas em sala de aula durante o ano letivo de 2007, sendo que ao término de cada aula, farei anotações sobre minhas impressões do processo de ensino-aprendizagem promovido. Após esta fase de experimentação, os alunos responderão a um questionário subjetivo que fornecerá dados sobre a eficácia do processo. Feita a avaliação inicial, haverá ajustes e adequações para o ano letivo seguinte.

Esse projeto de pesquisa, contudo, não pode ser entendido senão no contexto do qual faz parte: do ponto de vista do ensino, as aulas da disciplina de Lexicologia do curso de Licenciatura em Letras de Marechal Cândido Rondon; do ponto de vista da pesquisa, a Lexicologia, disciplina na qual o neologismo é objeto de estudo privilegiado.

Na língua francesa, na língua portuguesa e em quase todas as línguas românicas, a Lexicologia é conhecida como a disciplina da Lingüística que estuda as palavras em todos os seus aspectos. Nos países de fala inglesa, porém, este termo não é utilizado: um estudo que analise a palavra do ponto de vista da significação seria classificado como um trabalho na área de *Lexical Semantics* – com relação ao termo é preciso esclarecer que, no Brasil, Semântica Lexical é um termo usado como sinônimo de Semântica Estruturalista de base saussuriana o que não é exatamente o caso do termo utilizado pelos pesquisadores de países de fala inglesa, tributários do estruturalismo norte-americano — ; outro que lidasse com a formação de palavras faria parte da área de estudos morfológicos; se fosse uma pesquisa dedicada aos aspectos sonoros da palavra, ela seria vista como uma pesquisa fonética ou fonológica e assim por diante.

Não obstante o relativo desconhecimento do termo, a Lexicologia é uma disciplina da Lingüística tão antiga quanto a Semântica. Na obra **Tratado de Semântica: a ciência da palavra**, de 1927, Carnoy, preocupado por diferenciar essas disciplinas, afirmava que a Lexicologia era constituída pelo estudo da combinação das palavras, seja entre elas (composição), seja com elementos de diferenciação (derivação) bem como o estudo de contrastes típicos de sentidos correspondentes a certas variações morfológicas (generalização- individualização, estado - substância, agente -paciente, etc.) (1927: 151). Apesar da antiguidade da disciplina criada e desenvolvida na França e de lá divulgada e a inegável influência francesa em nossa cultura e em nossa educação – hegemônica até meados do século passado – é possível que ela não seja conhecida senão pelos pesquisadores da área.

Contrastando com a pouca divulgação desta área de pesquisa para o público em geral, noto que os mais recentes livros didáticos de Língua Portuguesa incorporam tópicos que tradicionalmente são estudados pela Lexicologia, conforme atesta o manual do professor referente ao livro **Português. Uma proposta de letramento**, de Magda Soares, livro 6, publicado em 2004:

Márcia Spavicius Seide

As atividades sistemáticas de Vocabulário, nesta coleção [...], pretendem, de um lado desenvolver habilidades de busca e identificação do significado das palavras, de outro, ampliar o repertório lexical do aluno. Entre as habilidades de busca e identificação do significado de palavras desconhecidas, privilegiam-se [...] as habilidades de consulta a dicionários e outros livros de referência (dicionário geral, de sinônimos, etimológicos, enciclopédias, etc.) e a habilidade de inferência do sentido de uma palavra pelo contexto em que aparece. Quando à ampliação do repertório lexical do aluno, privilegiam-se as seguintes áreas: formação de palavras – derivação e composição - ; significação das palavras com ênfase nos exercícios de sinônimos (...) constituição do léxico, para que o aluno conheça a origem das palavras do léxico português, a evolução das palavras do latim ao português e o enriquecimento da língua pela importação de palavras estrangeiras, pela criação de brasileirismos, de gíria ou de neologismos; aspectos morfossintáticos do vocabulário, considerando-se como de natureza fundamentalmente semântica alguns fatos geralmente apresentados como apenas de morfologia ou sintaxe. (p.25-26).

Todos os conteúdos enumerados por Soares fazem parte dos objetos de estudos da Lexicologia o que revela a importância da disciplina para os professores de Língua Portuguesa. Ainda com respeito às propostas pedagógicas de Soares, acho importante comentar que o modo como a autora propõe o estudo de aspectos morfossintáticos do vocabulário indica que ela se ressentiu de as palavras serem estudadas ora em sintaxe, ora em morfologia, sem que o aspecto semântico do vocabulário seja relacionado a seus aspectos sintáticos ou morfológicos. Esta queixa ou crítica não seria feita por alguém da área, haja vista que os estudiosos das Ciências do Léxico sempre analisaram o vocabulário em sua interface com a morfologia, a sintaxe e a semântica, motivo pelo qual aquilo que ela avalia como um desiderato a ser alcançado, para os lexicólogos, lexicógrafos, terminólogos e estudiosos da onomástica, é um truísmo.

Consoante o papel das Ciências do Léxico na formação do professor de línguas, a grade do curso de Letras, em vigor desde 2003, contempla os conteúdos mencionados por Soares na disciplina de Lexicologia, levando em consideração os conhecimentos que, idealmente, os alunos universitários devem ter ao final do curso de Letras. Entre esses conteúdos, escolhi o neologismo como objeto de estudo em virtude de seus aspectos morfológicos ainda não terem recebido didatização apropriada em minha aulas e haver sobre o assunto, no Brasil, um importante projeto de pesquisa em andamento: o "Observatório de

Neologismos” sob coordenação da professora doutora Maria Ieda Alves, com sede da FFLCH da Universidade de São Paulo.

Da produção científica decorrente do “Observatório” ou a ele relacionado, duas obras foram escolhidas para didatização: uma obra inicial de divulgação científica publicada pela pesquisadora coordenadora (ALVES, 2004) sobre uma pesquisa anterior que serviu como ponto de partida ao projeto e uma dissertação de mestrado resultado de pesquisa empreendida no próprio “Observatório” (MARONEZE, 2005).

De modo a não apenas informar sobre as investigações que tem sido feitas sobre a neologia por estes pesquisadores, mas também de mostrar que as atividades necessárias à docência também são produtoras de conhecimento – ao contrário do que pressupõe a supervalorização das atividades ditas de pesquisa em detrimento das chamadas atividades de ensino – apresento, a seguir, algumas das atividades implicadas na didatização de pesquisa.

ANÁLISE CRÍTICA DAS OBRAS ESCOLHIDAS E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DA DISCIPLINA

Tanto a análise crítica das obras escolhidas, quanto as sugestões para complementação ou aprofundamento dos temas tratados foram elaboradas com vistas aos objetivos didáticos a serem alcançados pela disciplina de Lexicologia, disciplina obrigatória para os alunos do primeiro ano de Letras da Unioeste os quais, além de estudarem a língua portuguesa e respectivas literaturas, habilitam-se em uma língua estrangeira – alemão, espanhol ou inglês - . Trata-se de atividades muito semelhantes àquelas realizadas como atividades de pesquisa; à guisa de ilustração, segue apresentação, avaliação crítica e complementação do estudo feito por Alves sobre neologismos formados pelo prefixo – não pelo prefixo –*quase*.

O livro de Alves está organizado em doze capítulos, nesta obra a autora, após fornecer uma definição sucinta de neologismo e notícias sobre laboratórios de observação do fenômeno existentes, apresenta, para cada tipo de neologismo, vários exemplos extraídos de *corpus* formado por textos jornalísticos do final da década de 80 do século passado, com ênfase aos processos sintáticos de criação neológica. Trata-se de um trabalho basicamente ilustrativo em que os exemplos superficialmen-

te analisados servem como evidência dos fenômenos apresentados, sem que haja explicitação da fundamentação teórica apontada. Ao longo da obra, destaca-se o caráter descritivo e não normativo de análise de que resulta a constatação de que a língua portuguesa, tal qual utilizada no Brasil pelos jornalistas, tem criado, para si, novos afixos ainda não incorporados na maioria das gramáticas normativas brasileira

A análise da obra como livro-texto das aulas de Lexicologia, porém, mostrou ser necessário que se façam alguns ajustes como explicitação da fundamentação teórica, problematização e aprofundamento de análise e apresentação de análises alternativas que considerem o aspecto normativo, o aspecto diacrônico e a perspectiva contrastiva no caso de processos neológicos em que há influência de outros idiomas.

No último caso apontado, estão os neologismos formados por *não*. Em todos os exemplos elencados por Alves, há uso de hífen unindo o *não* à palavra por ele modificada. Uma vez que o hífen não é obrigatório em todos os contextos citados – é o que ocorre em “Políciais não-violentos aplicam métodos científicos e batem recordes em São Paulo” (2004:15), por exemplo, infere-se que um dos critérios utilizados é o meramente gráfico: se o jornalista decide empregar o hífen o *não* é prefixo e há a criação de um neologismo; se prefere não utilizá-lo, o *não* é um advérbio. Como se verá a seguir, o uso do hífen pode estar relacionado a questões tradutórias.

Na língua inglesa, há dois recursos lingüísticos de negação: o advérbio de negação *no* e o prefixo *non*, como atestam os seguintes exemplos extraídos de um dicionário monolíngüe voltado a aprendizes da língua inglesa como língua estrangeira cujo *corpora* é formado por textos jornalísticos (SINCLAIR,1995): “*The detainees are often held in cruel and inhuman conditions*” e “*Hostility towards outsiders is characteristic of both human and non-human animals*”.

Das várias traduções possíveis da frase em que o prefixo *non* é utilizado, cito três: (a) A hostilidade aos “de fora” é característica tanto de animais humanos, quanto de animais não-humanos; (b) A hostilidade aos “de fora” é característica tanto de animais humanos, quanto de animais não humanos; (c) A hostilidade a forasteiros, não é uma característica exclusiva dos animais humanos: os animais que não pertencem à espécie humana também são hostis aos “de fora”. Fazendo abstração das diferenças de

registro existentes, percebe-se que em (a) a tradução é feita ao pé da letra, não há maiores adaptações ao vernáculo e a grafia original, com hífen, é mantida; a tradução (b) obedece as regras normativas do uso do hífen na língua portuguesa, motivo pelo qual não é utilizado; em (c) a tradução é mais burilada, há uso de torneios lingüísticos para se evitar a expressão “animais não humanos”, vista como excêntrica ou estranha ao idioma.

Considerando as condições de produção do texto jornalístico no Brasil, em que muitas matérias são originariamente produzidas em língua inglesa sendo traduzidas a toque de caixa para o fechamento da edição, é crível supor que, prevalecendo traduções como (a), os jornalistas (e também os leitores) habituaram-se a ver o *não* e a palavra por ele modificada unidos por hífen, a partir desse momento, criou-se a possibilidade (pautada no raciocínio analógico) de se fazer o mesmo com qualquer expressão, independente de ela ser ou não proveniente da língua inglesa, como se verifica no seguinte exemplo citado por Alves: “A ausência do PMDB e a resistência a Maluf, se ocorrerem, conduzirão à não-sucessão, isto é, ao impasse” (2004:15).

A consideração do aspecto diacrônico, por sua vez, pode enriquecer o estudo dos neologismos resultando num viés não só plurilingüe, mas também pancrônico de análise. A análise de *quase* no latim, no francês, no inglês e no português do Brasil ilustra bem o enriquecimento gerado pela adoção desse viés. Em sua pesquisa, Alves observou que, em alguns contextos, *quase* é utilizado como prefixo, palavra a qualos gramáticos e os lexicógrafos da língua portuguesa raramente atribuem características prefixais não é ainda muito produtivo embora seu emprego esteja se tornando mais constante nos últimos anos, ao integrar itens lexicais neológicos com bases substantivas [...] e adjetivas. (ALVES, 2004:21).

Comprovando suas afirmações, há a citação de um único exemplo: “<< do ator C. Vereza, interpretando um quase-suicida num questionamento sobre o que significa o existir.>>” (ibidem). Neste contexto, o prefixo é analisado como denotando proximidade.

Informações colhidas numa gramática latina (CARL et alii, 1986) e num dicionário Português – Latim (TORRINHA, 1945), indicam que, no idioma dos romanos, a palavra tinha ora a função de conjunção, ora a função de advérbio e significava, aproximadamente, “do mesmo modo que, como se, pouco mais ou menos”. Um dos exemplos citados na gramática é “Eum amo quase sit frater meus” (op.cit. :147) que pode ser traduzido por

(a) Amo-o quase como a um irmão; (b) Amo-o como se ele fosse meu irmão ou (c) Amo-o como a um irmão. Em todos os casos, independente de a palavra *quase* ser utilizada, o segundo membro da oração mantém o valor condicional comparativo existente em latim, sendo que, pela gramática normativa da língua portuguesa, em nenhum caso aceita-se o uso do hífen. De acordo com informações de um dicionário de francês, o **Le Robert Micro** (REY,1998), essa palavra apresenta valor idêntico em francês, exceto no uso de *quase* com substantivo, contextos nos quais o uso do hífen é obrigatório: *Le raisin est quase mûr* – A raiz está quase morta – mas *quasi-totalité* (quase totalidade) e *quasi-certitude* (quase certeza). Em inglês, o uso do hífen é obrigatório não só com substantivos, mas também com adjetivos, como o atesta o seguinte exemplo extraído do **Collins** (SINCLAIR, 1995): *The flame is a quasis-religious emblem of immortality* (A chama é um emblema quase religioso de imortalidade).

Comparando-se a palavra latina com a existente nos idiomas citados, percebe-se que o valor semântico essencial se mantém e, grosso modo (se analisássemos a fundo o vocábulo inglês, concluiríamos que se trata de uma palavra erudita que contrasta com *almost* palavra *anglo-saxã* equivalente, ao contrário daquilo que ocorre no português e no francês, idiomas nos quais a palavra não apresenta nem uso nem conotação eruditas) apenas regras ortográficas distinguem o uso de *quase* em cada um dos idiomas. Como no caso do uso prefixal do *não* na língua portuguesa do Brasil, tudo indica que a inovação ortográfica verificada por Alves é resultado de hábito criado por traduções literais feitas a toque de caixa.

Não obstante muitas outras considerações poderem ser feitas sobre a obra de Alves, a re-análise ora apresentada mostra que antes de se decidir pela adoção de uma obra como livro-texto de uma disciplina da graduação, é necessário avaliá-la criticamente, complementando e aprofundando as análises apresentadas pelo autor quando for o caso. Tais atividades evidenciam que o processo de didatização inerente ao ensino não se restringe a reproduzir o conhecimento produzido haja vista que requerem crítica e produção de novos conhecimentos.

Cumprе esclarecer que não a adoção de um ponto de vista pancrônico e plurilíngüe e a preocupação por descrever, ainda que aproximadamente, o processo histórico pelo qual houve a criação de certos neologismo foram fortuitas. Elas foram decorrentes da necessidade de tornar coerente todo o conteúdo programático da disciplina na qual a pesquisa de Alves foi

incluída: o curso de Lexicologia da Língua Portuguesa. Nessa disciplina, antes do estudo do neologismo na atualidade, estuda-se a constituição do léxico da língua portuguesa (VILELA, 1994), incluindo as palavras populares e as eruditas e o estudo lexicogenético de alguns vocábulos bem como os tipos de empréstimos, diretos, indiretos, vulgarizantes, não vulgarizantes, total, parcial, etc (BIZZOCCHI, 1998).

PRODUÇÃO DE ATIVIDADES DIDÁTICAS BASEADAS EM DADOS DE PESQUISA

Apresentam-se, a seguir, duas estratégias de didatização: a primeira baseia-se na transposição de dados do gênero discursivo *dissertação científica* para o gênero *questionário* a segunda em elaboração de exercício prático fundamentado na análise de novos dados a partir de metodologia adotada pelo autor do livro-texto utilizado na disciplina. Mediante a primeira estratégia, mediante a qual resultados científicos da pesquisa de Maroneze (2005) são transformados em questionamentos que requerem do aluno observação, análise e síntese. Por meio da segunda, exercícios práticos foram elaborados com base na metodologia utilizada por Alves em sua pesquisa (2004).

A dissertação de Maroneze estuda neologismos formados por nominalização (em *-ção*, *-mento*, *-agem*, *-ncia* e, também, por derivação regressiva). Ao longo do trabalho, há vários exemplos de cada um dos fenômenos estudados para os quais há análises bastante aprofundadas, além de dados adicionais com contextos nos quais as ocorrências foram observadas. A farta documentação de sua pesquisa possibilitou-me tirar proveito deste material para elaboração de exercícios e provas. Em dado momento da dissertação, o autor analisa uma ocorrência do sufixo *-ção* interativo. Logo após a análise, há a reprodução da ocorrência devidamente contextualizada:

Alexia *ferveção*, a partir de *ferver*, é o único exemplo do sufixo *-ção* unido a verbo da segunda conjugação existente na Base. Também se pode notar que *ferveção* é relacionada a uma acepção bastante específica do verbo *ferver* qual seja *agitar-se*, *excitar-se*, *animar-se*. Para a acepção de “produzir *ebulição*”, há o nominal *fervura*. *Avenida Club. Vá com os amigos, sem formalidades, mas sem grandes expectativas. O som varia de acordo com o tipo de show da noite, nesse clube que nada tem a ver com o conceito de babado e <ferveção> que passou a caracterizar o circuito da cidade* (FSP, 19-jun-94). (2005)

Sua análise foi transformada em questionamento: consta da questão por mim elaborada, o contexto de ocorrência e a palavra a qual o neologismo pode ser comparado. A noção de sufixo interativo, por sua vez, é dada previamente em aula expositiva sendo que a carga semântica dos itens lexicais em questão deve ser inferida pelo aluno com base em sua memória lexical e na interpretação do contexto dado:

- 1- Analise o neologismo destacado no contexto abaixo e, em seguida, compare-o, semanticamente, com o nominal *fervura*, também derivado do verbo *ferver*. Por fim, se houver, destaque outros nominais presentes no parágrafo.

Avenida Club. Vá com os amigos, sem formalidades, mas sem grandes expectativas. O som varia de acordo com o tipo de show da noite, nesse clube que nada tem a ver com o conceito de babado e <ferveção> que passou a caracterizar o circuito da cidade (FSP, 19-jun-94).

Outro processo de didatização adotado consiste em produzir análises inéditas que utilize a mesma metodologia proposta pelo pesquisador. As análises assim criadas servem de base para a elaboração de exercícios nos quais os alunos devem fazer a análise com base nos dados fornecidos. Trata-se de processo também utilizado em pesquisa: reprodução de experimento para se verificar se os resultados se repetem. No exemplo abaixo, mantém-se a análise, mas alteram-se os dados.

Por meio da análise de ocorrências verificadas em seu corpus, Alves (2004, p.68-78) mostra que os neologismos da linguagem jornalística são formados por reduplicação, derivação regressiva, estrangeirismo e tradução de estrangeirismo, como evidência, há menção dos seguintes itens lexicais devidamente contextualizados: trança-trança; amasso; *himologhi* (folha existente no Japão), *gray-power* (o poder grissalho), entre outros. Mantendo-se a mesma tipologia, criei alguns exemplos que fazem parte da seguinte questão a ser aplicada em sala de aula:

- 1- Considerando os dados abaixo, classifique as palavras em negrito conforme o processo de formação de palavra utilizado: reduplicação, derivação regressiva, estrangeirismo, ou decalque.
 - a) Crianças de sete a onze anos gostam muito de brincar de **pega-pega** e de **esconde-esconde**.
 - b) Numa novela das oito, toda vez que o patriarca de uma família árabe reprovava o comportamento de sua esposa dizia que sua esposa fazia era **haram**.
 - c) De acordo como o dicionário etimológico, a palavra **venda** é derivada do verbo **vender**.

Há também o processo pelo qual a análise do livro-texto deve ser suplantada com base tanto em informações dadas em sala de aula quanto nos dados informados na questão. Com relação ao gênero dos neologismos por empréstimo, Alves informa que se há flexão de gênero no idioma do qual a palavra provém, costuma haver manutenção do gênero, foi o que aconteceu com o neologismo *recuerdo* que, na língua portuguesa, manteve o mesmo gênero da palavra espanhola. Quando se trata de um idioma em que não há tal flexão, continua Alves, a tendência é o neologismo ser flexionado no gênero masculino que é o gênero não marcado na língua portuguesa, como exemplo, a pesquisadora cita a ocorrência de *o ranking*. Outra possibilidade é a flexão da palavra neológica estar conforme o gênero que teria caso fosse traduzida, como ocorre com *a trading* (a negociação) e *uma university* (uma universidade).

Tomando por base esta análise, elaborei a seguinte questão que utiliza dados provenientes da linguagem literária, requer algumas informações sobre a língua francesa e a adoção de um ponto de vista diacrônico (o exemplo literário foi extraído de MARTINS, 1997, p.83, de um trecho cuja leitura é obrigatória para os alunos da disciplina de Lexicologia) :

- 2- Em uma de suas obras Machado de Assis, para descrever determinada personagem caracterizada por ser purista, afirmava que ela não comia *as croquettes* por elas serem de origem francesa. Hoje em dia, dizemos *os croquetes*, palavra grafada com um só "t". Analise e explique estas transformações levando em consideração as informações abaixo:
 - A) No francês, palavras de terminam em **-e** são sempre femininas enquanto no português o morfema **-e** frequentemente indica o gênero masculino de uma palavra (*o mestre*) ainda que também possa indicar o gênero feminino (com *a ponte*)
 - B) As mudanças morfosintáticas a que os neologismos por empréstimos estão sujeitos (vide ALVES, 2004:80 – 82).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A explicitação das estratégias de didatização descritas na seção anterior evidencia que elas não são substancialmente distintas daquelas utilizadas em pesquisa: uma e outra resultam na produção de conhecimento : ambas têm por base a escolha minuciosa de dados, o uso de uma metodologia específica e a preocupação com a reprodução de resultados via controle das

variantes. As atividades prévias necessárias à docência, descritas na penúltima seção, também são semelhantes às desenvolvidas em pesquisa: em ambos os contextos, há revisão de literatura, contextualização e aprofundamento teórico.

Na verdade, as diferenças entre pesquisa e ensino não estão relacionadas a habilidades cognitivas, nem, tampouco, ao conceito errôneo de que produção intelectual restringe-se à produção científica. Elas dizem respeito à não exigência de originalidade (no ensino não há a exigência de que o conhecimento produzido seja inédito e represente uma contribuição significativa para a área, como ocorre na pesquisa) e à utilização de estratégias próprias de elaboração de exercícios e de docência.

Sabe-se que uma das exigências para que haja um sistema científico vigoroso é a divulgação e a discussão amplas da pesquisa produzida. Sendo a graduação um espaço importante de vulgarização científica, ensino e pesquisa devem fortalecer-se mutuamente, para tanto, é imprescindível que ambas sejam postas em pé de igualdade, foi com este desiderato que propus e tenho desenvolvido o projeto de pesquisa "Métodos para o ensino do neologismo no curso de Letras".

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**. São Paulo: Ática, 2004.
- ANDRÉ, Marli Eliza **Etnografia da prática escolar** 10ª. ed.. São Paulo, 2003.
- CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8ª ed. São Paulo: T.A. Queiróz, 2000.
- BIZZOCCHI, Aldo. **Léxico e Ideologia na Europa Ocidental**. São Paulo: Anna Blume, 1998.
- CARL, A et alii. **Gramática Latina**. Trad. e Adap. M.E.V.L. SOEIRO. São Paulo: Edusp, 1986.
- CARNOY. **La science du mot: traité de sémantique**. Louvain: Édition Universitatis, 1927.
- MARONEZE, Bruno Oliveira. **Um estudo da nominalização no Português do Brasil com base em unidades lexicais neológicas**. São Paulo, 2005. 108p. Dissertação. (Mestrado em Letras). FFLCH- USP.

MARTINS, Nilce Sant' Anna. **Introdução à Estilística**. A expressividade na língua portuguesa. 2ª.ed. São Paulo: T.A Queiróz, 1997.

PÉREZ, Aquilino Sánchez. *Metodología: conceptos y fundamentos*. In: **VADEMÉCUM para la formación de profesores**. Enseñar Español como segunda lengua (L2)/ lengua extranjera (LE). Madrid: SGEL, 2004.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Almedina, 1994.

REY, Allan . [ed.] **Le Robert Micro**. 3ª.ed. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1998.

SINCLAIR, John. **Collins Cobuild English Dictionary**. Londres: HarperCollins, 1995.

SOARES, Magda. **Língua Portuguesa: uma proposta para o letramento**, vol.6, São Paulo: Moderna, 2004.

TATIT, Luiz. Música para reouvir. **O Estado de São Paulo**. ALIÁS J17 Domingo, 31 de dezembro de 2006.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino-Português**. Porto (Portugal): Ed. Maranus, 1945.

